

(DES)CONSTRUÇÕES E POSSIBILIDADES DO JORNAL COMO UM RECURSO PEDAGÓGICO DE ACESSIBILIDADE CURRICULAR NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)¹

Karine Sefrin Speroni²
Mary Lúcia Pedroso Konrath³

RESUMO

O presente trabalho objetiva inter-relacionar através de proposição bibliográfica a relação entre uso de mídias no contexto do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Para tanto se buscou problematizar o jornal pode vir a funcionar como um recurso de acessibilidade curricular, de modo a desvendar novas possibilidades de interação com a escrita no AEE – que se refere a um serviço específico oferecido por profissionais especializados em Educação Especial, disponibilizado na escola regular de forma complementar e/ou suplementar às atividades escolares. Esse estudo visou correlacionar no espaço do atendimento especializado através da problematização e construção do jornal como um recurso de acessibilidade curricular a alunos com necessidades educacionais específicas – deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Para tanto, buscou-se como aporte teórico-metodológico subsídio de algumas ferramentas encontradas nos estudos de Michel Foucault, sobretudo a noção de discurso. Portanto o presente trabalho teve como resultados problematizar as formas de utilização do material impresso no processo de aprendizagem bem como questionar as verdades que são produzidas, atentando às possibilidades de reflexão dos discursos que circulam dando ênfase à produção escrita através da construção de um jornal no AEE. Indicando assim possibilidades de intersecção com conteúdos que podem ser adaptados às diferentes necessidades de aprendizagem dos alunos, com o intuito de valorizar suas produções. Uma vez que o uso das mídias viabiliza novas relações com conhecimento culturalmente construído.

Palavras-chave: Mídias na Educação, Educação Inclusiva, Jornal

ABSTRACT

his paper aims to interrelate through literature proposition the relationship between media use in the context of specialized educational services (ESA). For that we sought to problematize the newspaper turns can act as a curriculum resource accessibility, so uncover new possibilities of interaction with the writing on the ESA - which refers to a specific service provided by skilled professionals in Special Education, offered in the regular school complementary and / or supplementary way to school activities. This study aimed to correlate within the specialized care through the problem and construction of the newspaper as a resource for curriculum accessible to students with special educational needs - disabilities, pervasive developmental disorders and high ability/gifted. To do so, we attempted to theoretical and methodological support the subsidy of some tools found in the studies of Michel Foucault , especially the notion of discourse. Therefore the present work was to discuss the results of using forms of printed material

1 Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

2 Aluna do Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

3 Professora Orientadora, graduada em Pedagogia habilitação Educação Infantil, Especialista em Informática na Educação e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

in the learning process as well as to question the truths that are produced, considering the possibilities of reflection of circulating discourses emphasizing the written production by building a newspaper at AEE. Thereby indicating possibilities of intersection with content that can be adapted to the different learning needs of students, in order to enhance their productions. Since the use of media enables new relationships with knowledge culturally constructed.

Keywords: Media in Education, Inclusive Education, newspaper

1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade o acesso às informações tem se intensificado através do uso dos mais diferentes recursos midiáticos que iniciaram com os impressos, como jornais e revistas, audiodfônicos, como as rádios até chegar aos mais recentes recursos tecnológicos como televisão, computador e por consequência a internet. Assim, com o acesso em rede por intermédio da internet passou-se a dispor de uma vasta gama de oportunidades de manter-se informado seja através das redes sociais, como também pelo acesso a sites de jornais e telejornais.

Pode-se observar que historicamente a informação esteve vinculada principalmente à produção escrita tendo caráter simbólico difundido através do jornal impresso, que ainda vem sendo um dos principais objetos de acesso ao conhecimento.

Ao ser incorporado ao currículo escolar o jornal passa ter significados diferenciados, sobretudo por serem refletidas questões referentes à articulação de notícias e diferentes gêneros textuais. Passou a ser utilizado como um recurso pedagógico nas escolas em virtude de seu conteúdo que faz articular questões relativas ao campo social, cultural, político e econômico da sociedade.

Nesse sentido, considerando a importância do jornal como fonte bibliográfica e de produção, como proposta de criação do jornal escolar, busca-se nesse artigo científico, através de um estudo bibliográfico, possibilitar a discussão acerca desse recurso no currículo escolar. Sobretudo, considerando-o como um recurso pedagógico a ser explorado pelos alunos com Necessidades Educacionais Específicas (NEEs) – sujeitos que possuem deficiências, altas habilidades/superdotação e transtornos globais do desenvolvimento – no Atendimento Educacional Especializado (AEE), considerando possibilidades de aprendizagem, sem reforçar as limitações, que tais alunos possam vir a apresentar em virtude de uma condição diagnóstica aparente. Enfim, com ênfase no processo de construção de conhecimento e não somente nos

produtos finais, tão esperados e arraigados na cultura escolar, representados e simbolizados pelas produções dos alunos como cópias de conhecimentos que são considerados absolutos, inquestionáveis, enfim, como algo acabado e definitivo.

Em face desses aspectos, buscou-se através dos referenciais utilizados e motivações da autora em romper com constituições culturais, concepções tradicionais de ensino tão presentes no contexto escolar, assim, indicar novas possibilidades de reflexão sobre o jornal como recurso pedagógico sugerindo a discussão sobre as verdades as quais o impresso historicamente dissipa, os discursos que são acolhidos como verdadeiros. Para tanto buscar compreender a importância da autoria e produção do conhecimento por parte dos alunos

Com a intenção de descobrir novas vias de rompimento de barreiras hegemônicas edificadas, como por exemplo, o impresso como algo definitivo, como uma verdade absoluta, buscou-se nesse trabalho potencializar a discussão sobre o material impresso, nesse caso o jornal, destacando possibilidades de exploração desse recurso tanto como fonte bibliográfica – que objetiva possibilitar encontros e desencontros, reflexões, sobre as informações que são disponibilizadas ao leitor –, quanto como ferramenta de produção de escrita, de letramento, e intersecção com as tecnologias.

Sob esse prisma, considerando que o impresso é composto por conjuntos discursivos que se estabelecem por relações de poder, os quais se tornam hegemônicos, empreende-se a seguinte problemática de pesquisa: “como articular o uso e construção do jornal como recurso pedagógico no Atendimento Educacional Especializado de modo a romper com padrões já estabelecidos do impresso como algo definitivo?”.

Com intuito de realizar a discussão proposta foram elencados os seguintes objetivos específicos: discutir sobre o material impresso e mecanismos que desenvolveram nas teias da história e da cultura tornando-o como produtor de verdades absolutas; encontrar novas possibilidades de discussão do jornal como recurso pedagógico a ser utilizado no Atendimento Educacional Especializado; lançar algumas possibilidades de rompimento de padrões hegemônicos do impresso como algo definitivo indicando construção de novas possibilidades de relação do impresso com a produção do conhecimento e processo de aprendizagem de pessoas com Necessidades Educacionais Específicas, com enfoque nas adaptações curriculares e acessibilidade ao currículo.

Utilizou-se como aporte metodológico pesquisa de cunho bibliográfico que empreende possibilidades de reflexão acerca da temática antes descrita. Nesse sentido, com aproximação à abordagem foucaultiana, sobretudo à obra *A ordem do discurso* (2010) e *Microfísica do poder* (2010), buscou-se utilizar referenciais como caixas de ferramentas de modo a funcionar como meios de articulação à reflexão que o presente trabalho se propôs, sobretudo a noção de discurso empreendida pelo referido autor.

Não buscando a rigidez metodológica, esse estudo empreendeu um olhar de modo a observar a articulação entre o campo teórico ao metodológico. Ou seja, operando com as ferramentas disponíveis dadas pela linguagem que se desnuda com a escrita, pois escrever significa atribuir sentido. Nesse prisma, utilizar preceitos teóricos de Foucault (2010 a, b) nos possibilita articular teórico-metodologicamente as problemáticas de pesquisa encontrando novas possibilidades de leitura os objetos desse estudo.

Desse modo, o presente estudo alicerçou-se em dois eixos de discussão: o jornal e sua relação com as tecnologias e a prática; e a associação do jornal como instrumento de acessibilidade curricular a ser utilizado no Atendimento Educacional Especializado. Portanto, buscou-se articular e discutir como o jornal pode ser utilizado e “funcionar” como um recurso de acessibilidade, por articular conceitos e viabilizar através das Tecnologias de Informação e Comunicação novas possibilidades de acesso ao conhecimento, construções de desconstruções de discursos que aos poucos passam a ser acolhidos como verdades.

2. AS TRANSFORMAÇÕES MIDIÁTICAS NA SOCIEDADE E O JORNAL NO CURRÍCULO ESCOLAR: BUSCANDO NOVOS SENTIDOS?

As constantes transformações em nossa sociedade advindas do crescimento, evolução e uso de novas tecnologias perpassam o que se denomina hoje cibercultura, onde os tempos e espaços não são mais limitadores da relação entre indivíduos, como também da difusão e construção do conhecimento. Nesse contexto, surgem novas formas de relação com o texto através da tela, que vem sendo constituídas, indo de encontro ao desenvolvimento da humanidade por possibilitar novos esquemas de desenvolvimento e aprendizagem.

Também se pode destacar que o fluxo do pensamento ocorre em rede (SOARES, 2002), portanto, com os recursos tecnológicos o processo de aprendizagem

passa a ocorrer de forma mais efetiva em virtude das possibilidades de interação com novas informações que são rápidas, precisas, e possuem interfaces que incentivam o interesse e motivação do leitor. Em outras linhas, em virtude da disposição das tecnologias e informações facilitadas por esses meios “parece evidente que os modos de aprender/apreender estão se alterando” (CITELLI, 2000, p.32).

Com o uso das tecnologias a favor dos processos de ensino-aprendizagem os resultados passam a ser mais significativos para o aluno, sobretudo com o uso da internet. Uma vez que a internet fora um difusor de conhecimento, possibilitando o acesso aos bens culturais a diversas pessoas, sobretudo no ambiente escolar como fonte de pesquisa, de interação entre os pares, alunos e professores⁴. Assim, a cibercultura além das relações entre os sujeitos viabiliza outras formas de interação com as tecnologias (MÁXIMO, 2000), pois elas fazem parte de nosso cotidiano seja em forma de informação, como através de aparelhos eletrônicos que facilitam nosso dia-a-dia. Em outras palavras, “Ao criar um espaço para a circulação de informação, a rede das redes [...] possibilitou-se, assim, a emergência do ciberespaço enquanto espaço virtual e mediatizado, onde tomam vida relações sociais que se expressam através da cibercultura” (MÁXIMO, 2000, p.3).

Por conseguinte, a propagação da informação em larga escala torna-se uma das marcas dessa nova era que dispõe na tela do computador outras formas de textos, novos processos de desenvolvimento mental e principalmente diferentes meios de letramento. Nesse âmbito instaurado, sobretudo com o surgimento do hipertexto, das redes sociais, dos blogs o uso das tecnologias passam a fazer parte de nosso cotidiano. Nesse prisma, “As formas de interagir inauguradas no ciberespaço somadas à elaboração desses códigos e regras sociais, [...] caracterizam a cibercultura, que nada mais é do que o conjunto de fenômenos culturais que acontecem no interior deste espaço ou que estejam relacionadas a ele” (MÁXIMO, 2002, p.3).

Eis então que ciberespaço adentra permitindo o crescimento de novas redes de relações seja com o conhecimento, como também sociais, enfim, de integração entre os homens. Afinal, não é mais possível falar em educação sem ponderarmos que os recursos midiáticos fazem parte do processo de difusão e construção do conhecimento (CITELLI, 2000).

⁴ Muito embora se saiba que professores ainda não estão preparados para lidar com a realidade e introduzir em suas práticas pedagógicas tais recursos tecnológicos, pois não obtiveram formação inicial e continuada que os capacitasse a desenvolver tais propostas e também da indisponibilidade de recursos tecnológicos nas escolas (CITELLI, 2000; ANHUSSI, 2009).

Diante desse cenário de avanço tecnológico, surge o hipertexto e sua variedade de possibilidades de relações que permitirão com que novos estímulos sejam disponibilizados de modo a ampliar as possibilidades de interação dos indivíduos com a leitura e escrita. Assim emergem conceitos de letramento, que dizem respeito à fenômenos plurais, que perpassam os tempos sob formas diferenciadas e múltiplas (SOARES, 2002).

Mesmo com as tecnologias lineares como, por exemplo, o jornal é possível ter acesso e produzir informações. O jornal ainda continua sendo um recurso necessário como fonte de pesquisa e subsídio bibliográfico, especialmente, às propostas pedagógicas e seu uso na escola em face de possuir “sintonia permanente com a realidade, favorece, com grande visibilidade, a historicidade da produção dos homens” (AIDAR, 1995).

Ao analisar os processos históricos de constituição da humanidade, e da função simbólica da escrita, pode-se considerar que do papiro à imprensa há o desenvolvimento de uma forma de texto que está pautada na linearidade, em relações de poder do autor ao o leitor (FOUCAULT, 1970). Este último, o leitor, terá algumas opções frente a essa linearidade: submeter-se ao pensamento de outrem, também poderá desenvolver via de resistência à dominação lhe impugnada negando o “lido” e fechar-lhe as páginas do impresso. Essa relação não se modifica, mesmo com o uso das tecnologias e variados recursos midiáticos – o que cabe pontuar é a submersão a outras formas de letramento dadas pelas propagandas.

Pode-se observar que essa constante intersecção com as mídias demanda formação de humanos capazes de refletir e posicionar-se criticamente sob aspectos que estão sendo dispostos. Eis aí um dos maiores desafios na contemporaneidade, sobretudo da escola em formar um cidadão consciente e que saiba discriminar o que vê, lê e ouve (CITELLI, 2000). Aspectos traduzidos pela propaganda, pelas amarras do sistema neoliberal que motiva a produção e consumo desenfreado (BAUMAN, 2008). A reflexão, intersecção com as informações por ser rápida pode não traduzir um processo de aprendizagem, mas sim de acesso á informação. Para construção de conceitos é necessária a mediação do outro, nesse caso o professor, como potencializador de diálogos.

Em virtude desses aspectos, sobretudo em relação á reflexão das informações recebidas e buscadas constantemente, acrescenta-se que a autoria em um mundo contemporâneo que incentiva o consumo vem a ser um dos maiores desafios no

processo de ensino-aprendizagem. Compreendendo-se a noção de autor como aquele que é parte integrante do discurso, “como unidade e origem de suas significações” (FOUCAULT, 1970, p. 26), mas também como sujeito de sua própria aprendizagem. Enfim, essa vem a ser tarefa da educação e seus processos de ensino-aprendizagem na atualidade.

Na educação, em meio às diferentes formas de acesso ao conhecimento, o jornal ainda destaca-se por possibilitar redes de relações com materiais existentes. Embora em sua forma impressa seja linear, suas linhas destacam significados que vão além dos signos. Destacam relações de poder que se entrecruzam com aspectos culturais e sociais que hoje podem ser também visualizados por apenas um “clic” na tela do computador. Enfim no jornal não se encontra apenas palavras, elas apresentam um significado valorativo cultural amplo, referem marcas de nossa época, da atualidade e forma como determinadas estruturas funcionam em nossa sociedade (FOUCAULT, 1979).

O jornal ao longo dos tempos vem sendo investido como recurso produtor de verdades. Articula verdades que passam a ser inventadas em dados momentos tendo esse caráter social cultural e produtor de saberes. Na educação vem sendo utilizado por longa data, inicialmente com algumas ações de Decroly e posteriormente com a pedagogia de Freinet (1924) (LUSTOSA; MACIEL, 2010).

Freinet (1927), com o livro “A imprensa na escola” ressignificou a utilização da imprensa em sala de aula como registro de outra forma de fazer educação, a qual questionava o racionalismo científico e metodologias tradicionais considerando as produções dos alunos. Nessa perspectiva o jornal era comumente utilizado como um registro diário (LUSTOSA; MACIEL, 2010) – aspecto que se diferencia da utilização nos dias de hoje, pois com as constantes transformações em nossa sociedade há diversas fontes de busca e pesquisa e articulação das produções articulam reflexões, estruturam criticamente e transformam o material impresso dando-lhe novos significados⁵.

Além do mais, Freinet (apud DE ASSIZ, 2012) acreditava que

[...] esse movimento de utilização de textos livres, que dava permissão para que a criança utilizasse suas próprias ideias, era o diferencial de sua técnica, por permitir que a criança construísse o seu texto livre e o utilizasse, oportunizando ao aluno ser um leitor que, de fato, estava

⁵ Como podemos observar na experiência relatada por Rauhen (2003), Peters e Fruet (2011), Silva e Kraus (2012), Zanchin et al (2011), Barros (2000) dentre outros.

entendendo o que lia, e não somente um reproduzidor do que estava já pré-estabelecido nos manuais. (DE ASSIZ, 2012, p.31)

Nesse sentido, os princípios desenvolvidos por Freinet (1927) – apud DE ASSIZ, 2012 – foram sendo reapropriados no contexto educacional, no entanto ainda considerados como imprescindíveis ao desenvolvimento de prática de ensino por considerar a produção e envolvimento do aluno na criação, com a produção do conhecimento. Essa noção de autoria aliada à discussão sobre os efeitos do jornal como referencial bibliográfico aos processos de ensino-aprendizagem possibilita rupturas com abordagens tradicionais de ensino, que primam pela reprodução de conteúdos, em vez de possibilitar aos alunos a construção/desconstrução de conceitos.

Em acordo com Lustosa e Maciel (2010), Citelli (2000), o jornal ainda é uma ferramenta de grande importância e está muito presente no processo de ensino aprendizagem, sobretudo por permitir a intersecção do aluno com uma realidade próxima, com questões locais, particularidades regionais. Em suma, por simbolizar o impresso de uma forma informativa, precisa e por se apresentar como uma materialidade acessível no cotidiano de nossos alunos. Em face desses aspectos considera-se que o processo de aprendizagem ocorre de forma mais efetiva quando os alunos são instigados a produzir e refletir sobre o material impresso, onde lhe são oportunizados diferentes recursos midiáticos. Enfim quando há desenvolvimento de práticas pedagógicas que possibilitem ao aluno desenvolver a criatividade, a inventividade tornar-se agente em seu processo de construção do conhecimento.

Sabe-se que atualmente as informações são difundidas com maior facilidade, e considera-se importante aliá-las ao processo pedagógico, implicar os alunos como autores possibilitando-lhes novas relações com o impresso, aquilo que já está produzido de modo a orientá-los e possibilitar que passem a “olhar” para os discursos que são produzidos em nossa sociedade. Discursos os quais são pertencentes, discursos que os constituem enquanto sujeitos.

O jornal na escola hoje necessita ser repensado tanto como subsídio referencial quanto como produção impressa dos alunos. Uma vez quando envolvidos na produção de um jornal escolar os alunos podem ser instigados à construção de determinados conceitos, além de incentivados a criar (LUSTOSA; MACIEL, 2010)

novas formas de ler o cotidiano, o conhecimento científico.⁶. Assim, as informações passam a servir “[...] como eixo para relacionar os conteúdos sistematizados em sala de aula. Semelhante prática incentiva os alunos a se informarem, a se prepararem para a aula, visto que eles gostam de manifestar suas ideias, principalmente se são assuntos de seu interesse” (ANHUSSI, 2009, p.117).

Nesse sentido utilizar o jornal como fonte de referência nas atividades escolares e explorar a criação de jornal escolar vem a corroborar com a proposta educativa, sobretudo por permitir que os alunos construam conhecimento ao invés de apenas ter acesso às informações tão constantes através dos recursos tecnológicos existentes (BRUNER, 2004).

Além de representar através da língua escrita verdades que passam a ser inventadas, posicionamentos que passam a ser criados por quem os constrói, por relações de forças. Isso nos faz considerar que o impresso no cenário contemporâneo não pode ser “visualizado” como algo definitivo, algo acabado, como uma verdade a ser aceita, sobretudo quando associado ao currículo escolar.

Em face desse aspecto acredita-se ser necessário encontrar novas possibilidades e virar tais verdades do avesso (CORAZZA, 2002) para que seja possível construir com os alunos novas formas de observar como o poder perpassa o aparato social, como aspectos da cultura tornam-se constituições, saberes hegemônicos em nossa sociedade. Enfim, encontrar “outras redes de significações” (CORAZZA, 2002, p. 111), possibilitando aos alunos refletirem sobre questões sociais, culturais e históricas.

Assim, considerar as práticas escolares tendo em vista os veículos de comunicação e as novas tecnologias passa por pelo menos três direções fundamentais: o diálogo crítico com os meios; o reconhecimento das possibilidades operacionais, isto é, os alunos devem aprender um pouco como se produzem as linguagens da mídia; a melhoria na infraestrutura tecnológica da própria escola (CITELLI, 2000, p. 36).

Nesse sentido, o jornal como um recurso pedagógico necessita ser compreendido em sua forma sistêmica, não apenas como um articulador de conteúdos, como um meio pelo qual o poder perpassa, age sob a vida das pessoas através dos discursos que acolhe como verdades. Nesse sentido que o professor necessita para desenvolver sua proposta pedagógica acurar o olhar e obter subsídios teóricos

⁶ Aspecto destacado também pela experiência escrita por Barros (2000) que realizou proposta da criação de um jornal escolar com alunos do primeiro ao quarto ano, onde destaca que ao utilizar a criação do jornal pensada inicialmente como um complemento á atividade em classe passou a se tornar um eficaz recurso pelo envolvimento e motivação dos alunos.

necessários para que possa utilizar o jornal escolar como uma ferramenta, pois “Para que a mídia educação seja consolidada, a sua aplicação deve ser feita no campo da reflexão teórica e prática e na consequente teorização dessa prática” (ZANCHIM et al, 2011, p. 10). Uma vez que:

Se é verdade que os modos de aprender e ensinar mudaram e nós temos de levar o vídeo, a televisão, o jornal, os computadores para as crianças, há que se reconhecer, igualmente, a necessidade de uma compreensão mais global dos processos que orientam a sociedade videotecnológica (CITELLI, 2000, p.34).

Em pesquisa realizada Anhussi (2009) – realizada no município de Andradina (SP) – observa através dos resultados obtidos em entrevistas com professores que para o uso do jornal há necessidade deste estar familiarizado a essa mídia, também destaca que os professores nessa localidade estão distantes do uso didático pedagógico do jornal em sala de aula, bem como são poucos os que possuem prática uma formação voltada para o uso crítico das mídias na educação. Portanto, para se ter a leitura o professor necessita observar de outra forma as mídias as quais está submerso.

Além do mais, o jornal pode articular e traduzir saberes que foram edificados relacionam-se a materialidades simbolizadas e atravessadas por relações de forças – compreendendo poder no sentido dos estudos de Michel Foucault (2010), em *A Ordem do Discurso*. Nesse particular, como um recurso que pode ter diferentes apropriações e exploração de conteúdos sob um viés abrangente, o jornal pode ser empregado como um recurso facilitador ao processo de ensino-aprendizagem na escola seja ao vincular conteúdos de forma problematizadora ou possibilitar construções locais e específicas do ambiente escolar, com a produção de jornal escolar. Isso significa dizer que o desafio da escola está em “apreender analítica e criticamente” o que as mídias transmitem, dentre elas o jornal (CITELLI, 2000). Ou seja, “olhar” para redes discursivas que interpenetram na vida diária e na escola diariamente através dos recursos midiáticos.

Os conteúdos escolares também podem ser abordados de forma diferenciada, seja contemplando conteúdos de língua portuguesa, dentre outras disciplinas, no entanto há de se proporcionar aos alunos não só o uso das tecnologias mas também a reflexão sobre os recursos midiáticos e sua influência na vida diária, na constituição de suas subjetividades.

Nesse sentido, com o uso das tecnologias e recursos midiáticos busca-se resgatar questões que dizem respeito às fragilidades da formação docente e das práticas

realizadas nas escolas para que se possa buscar novas formas de intersecção com conteúdos escolares. Com intuito de romper com padrões e culturas tão arraigadas no contexto escolar (CITELLI, 2000).

Observar, discutir e questionar os discursos provenientes do cenário social e cultural, traduzidos pelo jornal ao processo educativo vem a ser uma possibilidade de intersecção com novas propostas de ensino de conteúdos curriculares. Em outras palavras o professor necessita também compreender discursos foram acolhidos e passaram a operar como verdades absolutas em nossa sociedade e viabilizar aos alunos um processo que considere o que está culturalmente instituído e o que podem vir a produzir em termos de conhecimento. Portanto, “[...] a utilização do jornal como instrumento pedagógico transforma-o em uma ferramenta para a motivação e envolvimento do ensino” (ANHUSSI, 2009, p.85) e de aprendizagem tanto para o aluno quanto para o professor que necessitará buscar outros meios para que possa mediar as atividades realizadas.

Ao serem pensadas as estratégias e modos de uso do jornal como um recurso pedagógico, como as propostas por Rauen (2003), Peters e Fruet (2011), Silva e Kraus (2012), Zanchin et al (2011), Barros (2000), pode-se lançar discussão ao processo formativo de nossos estudantes, especialmente aqueles que possuem Necessidades Educacionais Específicas (NEEs) – pessoas que possuem deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (BRASIL 2008). Estudantes que estão incluídos na escola regular, os quais necessitam de estratégias diferenciadas para que possam ter acesso ao currículo de modo que suas especificidades sejam respeitadas.

Nesse contexto a utilização do jornal como recurso pedagógico pode possibilitar que os alunos construam novas redes de significações com o impresso e a partir dessa relação com as informações e verdades as quais o jornal articula, como também vir a produzir no contexto escolar suas próprias produções textuais e disseminá-las.

Desse modo, a utilização do jornal pode vir a funcionar como estratégia de acesso, adaptação e acessibilidade curricular, podendo ser desenvolvida em classe regular, ou subsidiada sua construção no Atendimento Educacional Especializado (AEE) – que se refere ao serviço da educação especial na escola regular, oferecido aos alunos que possuem terminalidades específicas, como supracitado, de forma complementar ou complementar à escolarização (BRASIL, 2008).

Em outras linhas, o AEE é compreendido como uma proposta transversal a todos os níveis de ensino sendo considerada uma Modalidade de Ensino (LDB 9394/96), ou seja, um tipo de acompanhamento disponibilizado aos alunos com NEEs (Necessidades Educativas Específicas) incluídos na escola regular, onde possuem além da participação efetiva em classe direito ao atendimento especializado com profissional de Educação Especial que possibilitará diferentes estratégias pedagógicas condizentes com ritmos, formas e estilos de aprendizagem desses alunos. Além do mais, oportunizando suporte aos professores que atuam com esses alunos em classe regular.

Por vezes esses alunos com NEEs são considerados como incapazes e pouco investidos no ambiente escolar, em virtude do vasto processo de implementação da inclusão escolar e da dificuldade de alguns profissionais seja pelo despreparo ou falta de formação para acurar o olhar e investir nas possibilidades as quais esses alunos podem vir a desenvolver.

Por esse motivo o profissional que atua no AEE na escola regular necessita desenvolver um trabalho em parceria com professores da classe comum com intuito de desmistificar e viabilizar que discursos tão presentes nas escolas que consideram alunos com necessidades educacionais incapazes movimentem e apoderem-se das práticas escolares. Além de encontrar subsídios teóricos e práticos para potencializar a aprendizagem dos alunos com NEEs de modo a envolvê-los e fazer com que se sintam incluídos e tenham acesso e acessibilidade aos conteúdos escolares.

Nesse prisma, as propostas pedagógicas desenvolvidas no AEE precisam enfim, seguir de forma complementar ou suplementar aspectos curriculares que vem sendo trabalhados pelo professor de classe regular. No entanto esse trabalho é diferencial, pois desenvolve outros meios para incentivar e possibilitar ao aluno ter acesso ao conhecimento seja com recursos diferenciados, vídeos, recursos tecnológicos adaptados – como, por exemplo, acionadores, teclados de colméia, dependendo das especificidades apresentadas pelos alunos. Por essa razão trabalhar com o jornal como articulador de conteúdos, bem como a construção de um jornal escolar com alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação torna-se uma via de inúmeras possibilidades por permitir de forma lúdica a exploração e desenvolvimento da leitura e escrita e, principalmente, mediação através das tecnologias informacionais permitindo a esses alunos a fluência tecnológica, dentre outros aspectos.

3. A PROPOSTA DO JORNAL COMO UM RECURSO PEDAGÓGICO DE ACESSIBILIDADE CURRICULAR NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

O currículo escolar, como um campo de forças onde agem poderes dispostos nas teias da história e cultura, passa ser instituído e atravessa as práticas no interior das escolas, sendo regulado pelas políticas públicas e Diretrizes Curriculares Nacionais.

Segundo proposta articulada frente à Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) o AEE tem funcionalidade de ser suplementar e/ou complementar às ações desenvolvidas em classe regular. Isso quer dizer que através de mecanismos distintos o profissional do AEE deve oferecer meios e recursos para que os alunos possam desenvolver suas potencialidades diante do processo de aprendizagem. Seja na construção ou escolha de recursos educacionais, como também na verificação e realização de um estudo que considere no plano de atendimento a esses alunos meios para que possam ter acesso ao currículo escolar de modo acessível, contemplando suas especificidades sem que suas limitações sejam reforçadas.

Para suplementar e enriquecer o currículo escolar sob uso de ferramentas diversas, dentre elas as tecnologias e materiais impressos o profissional que atua no AEE pode utilizar o jornal como fonte de informação e problematização dos conteúdos curriculares. Além do mais, pode-se destacar a construção de um jornal implicando os alunos em processo de autoria. Aspecto subsidiado nas experiências apresentados por referenciais escritos por Rauen (2003), Peters e Fruet (2011), Silva e Kraus (2012), Zanchin et al (2011), Barros (2000) possibilitam aproximar o uso do jornal como ferramenta pedagógica, também no atendimento especializado.

O primeiro passo para abordar o currículo escolar de forma diferenciada diz respeito à utilizar o material impresso e descobrir novas possibilidades de intersecção desses recursos ao potencializar o processo de aprendizagem seja de alunos que possuem deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Barros (2000) e Rauen (2003) destacam a importância dos alunos escolherem as temáticas de seu interesse para assim explorar as possibilidades de escrita com criação do jornal escolar.

Nessa proposta que se desenha podem ser utilizados diferentes jornais para articular conteúdos, por exemplo, de história e geografia associando ao que está

disposto nos livros didáticos, dentre outras disciplinas. Sobretudo com alunos que possuem deficiência intelectual o professor de AEE deverá mediar à construção de tais conceitos ressignificando-os a esses alunos. Corroborando com esses aspectos Peters e Fruet (2011), as atividades podem ser de pesquisa, leitura e até de criação um jornal *on line*, ou simplesmente criação com uso do computador do jornal a ser exposto na escola, tudo depende dos objetivos os quais os alunos traçarão para esse jornal e as colunas e notícias as quais gostariam de trabalhar.

Para viabilizar a reflexão dos materiais encontrados sugere-se a criação de um portfólio com diferentes reportagens que possibilitará a esse (s) aluno (s) observar as diferentes fontes e forma como tais conteúdos passam a ser explorados de forma escrita. Podem ser trabalhadas questões relacionadas aos conteúdos curriculares, como por exemplo, interpretação do texto, destacar excertos para serem reorganizados de acordo com regras gramaticais e ortográficas, pois algumas fontes podem vir a apresentar erros gramaticais, bem como de regência verbal ou nominal. Bem como aborda Rauen (2003) que buscou relatar sua experiência através da criação de um jornal escolar com seus alunos com intuito de potencializar o processo de leitura e escrita com ênfase na reflexão e despertar nos alunos concepções e visão de mundo que possuíam, trabalhando especificamente através de suas produções conteúdos da língua portuguesa como colocação pronominal, e mediação da escrita, dentre outros aspectos.

Com alguns alunos que possuem NEEs haverá a necessidade de serem retomados constantemente determinados conceito através da mediação verbal, ou com uso das tecnologias seja com vídeos educativos, de modo a contextualizar e dar sentido a esse aluno dos conteúdos tornando-os acessíveis aos seus ritmos e estilos de aprendizagem. Isso quer dizer que a construção do jornal demandará certo tempo para que o aluno se aproprie e construa seus conceitos quando se inicia atividade de leitura e interpretação textual. Atividades como essa podem vir q romper com a rotina escolar, possibilitando aos alunos sentirem-se mais motivados e integrados ao trabalho que envolva leitura e escrita (RAUEN, 2003).

Após fazê-los explorar o material coletado através do uso de computador, além da seleção de jornais locais, busca-se problematizar as disciplinas escolares e conteúdos que a elas estão associados. Buscando-se, assim, o professor mediar os conceitos implicados na pesquisa prévia do aluno e possibilitando a ele expressar as concepções que possui acerca de tais conteúdos. Em um segundo momento após possibilitar aos alunos a reflexão e problematização dos discursos que determinados

conteúdos associam, estabelecendo que enquanto indivíduos provenientes da sociedade globalizada e neoliberal estamos submersos à alguns regimes de verdades que nos sujeitam, nos identificam e constituem nossos modos de ser. Dentre eles a função da escrita, do surgimento da ciência. Enfim viabilizar a esse aluno observar as redes de relações que historicamente foram sendo produzidas de modo a possibilitar que destaque e questione algumas verdades que foram edificadas através da cultura sobre determinados conteúdos. Essa atividade pode ser realizada em grupo, ou mesmo em classe regular pela professora regente.

Após esse processo de reflexão sugere-se a construção de um jornal no AEE tem além do enriquecimento curricular viabilizar acessibilidade, uma vez que se procura trabalhar as possibilidades e não reforçar as dificuldades enfrentadas pelos alunos. Assim considerando sua produção escrita um processo que pode vir a ter equívocos de ordem gramatical, sintática, de regência verbal e nominal. Em outras palavras considerar um processo de mediação que considera o que o aluno consegue diante de suas limitações, produzir, sem que seja reforçada sua condição de diferença.

Alguns passos podem ser seguidos para nortear a construção do jornal escolar do articulado no AEE, dentre eles a produção de um editorial. O editorial tem o intuito de possibilitar aos alunos que compreendam a proposta de um jornal e elenquem as colunas que gostariam que fossem escritas. Como um segundo passo pode-se auxiliá-los a criar colunas específicas com intuito de abordar produções escritas subsidiadas em conteúdos diversos. Nesse sentido, é importante proporcionar aos alunos reflexão sobre a questão da produção de sentidos de escrita. Sobretudo em criar novas possibilidades de leitura sobre as produções já realizadas compreendendo o escrito não como uma verdade absoluta, mas sim viabilizador de novas possibilidades. Um exemplo destaca-se proposta de se trabalhar com processo de escrita, como aponta Rauen (2003), o projeto de jornal possibilitou que os alunos se conscientizassem, uma vez que a “atividade assegurou que, na sua escrita, ele tivesse o que dizer, uma razão para dizê-lo e alguém, o leitor real” (p.1272) no ambiente escolar.

Há de se criar espaços e possibilitar que o aluno explore as mais distintas formas de linguagem que podem ser veiculadas no jornal escolar. Essa pode ser uma das funções do jornal no AEE possibilitar a construção seja como ela for respeitando as individualidades dos alunos e permitindo que exerça a cidadania e expressem seus posicionamentos. As atividades podem ser variadas e com uso de diferentes mídias de modo a articular os conteúdos que estão sendo trabalhados, também podem ser

realizados outras formas de representação seja através de desenhos, charges ou tirinhas, o que será utilizado na proposta do jornal escolar do AEE dependerá das características do aluno sejam elas emocionais, de personalidade e observação de seu nível real de aprendizagem. Isso quer dizer que o professor necessitará descobrir as potencialidades desse aluno para que a proposta do jornal seja realizada e viabilize a ele motivação, interesse e, sobretudo auto-estima frente ao processo de aprendizagem, aspecto que é facilitado quando são utilizadas as tecnologias.

Virar algumas verdades do avesso (CORAZA, 2002) no trabalho do AEE supõe também respeitar as produções dos alunos com necessidades educacionais específicas não taxonomizando-as por seus erros, não classificando – as como pequenas e pobres em termos de conteúdos, mas sim observando que há diferentes formas de produção. Essa pode ser uma prática pedagógica que possibilitará a esse aluno identificar-se com os conteúdos escolares e ser valorizado pelo que consegue produzir.

Desse modo, partindo-se do exposto, acredita-se que anterior á proposta pedagógica de esse utilizar o jornal como um recurso é importante o professor buscar subsídios teóricos para que possa articular o uso do jornal como fonte bibliográfica, questionar saberes que desnudam conteúdos dispostos no currículo escolar. Em outras palavras, questionar e discutir sobre o material impresso e mecanismos que desenvolveram nas teias da história e da cultura tornando-o como produtor de verdades absolutas. Isso significa encontrar novas possibilidades de discussão do jornal como recurso pedagógico no ambiente escolar, seja para ser utilizado no Atendimento Educacional Especializado ou em classe regular, lançando algumas possibilidades de rompimento de padrões hegemônicos do impresso como algo definitivo indicando construção de novas possibilidades de relação do impresso com a produção do conhecimento e processo de aprendizagem de pessoas com Necessidades Educacionais Específicas, com enfoque nas adaptações curriculares e acessibilidade ao currículo, direito que lhe é assegurado por lei.

Se a escola é para todos (BRASIL, 2008) cabe ao corpo docente encontrar novas formas de possibilitar uma aprendizagem significativa aos seus alunos. Especialmente o profissional que atua no AEE, pois tem a tarefa de articular e desenvolver estratégias e adaptar recursos necessários ao processo de aprendizagem de alunos com NEEs atuando de forma colaborativa e conjunta com profissionais que atuam com esse aluno em classe regular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das leituras realizadas, sobretudo de Citelli (2000), Anhussi (2009), pode-se refletir e questionar como o uso das mídias vem sendo pouco utilizado no cenário educacional e repensar de que forma os professores podem vir a utilizar tais recursos diante das poucas condições que as escolas possuem no que se refere aos aparatos tecnológicos. Além de permitir observar novas possibilidades, sobretudo do uso do jornal como ferramenta de construção e criação por parte dos alunos.

Enquanto profissional que tem formação em educação especial, o presente estudo possibilitou com que pudesse buscar novas fontes bibliográficas e subsidiar futuras práticas no atendimento educacional especializado, que através da Sala de Recursos Multifuncional é possível fazer uso das tecnologias, principalmente por se tratar de atendimento que pode ser individual ou em pequenos grupos. Nesse espaço, a sala de recursos a escola prepara-se para atender alunos com NEEs e adaptar meios para que possam efetivamente terem condições de igualdade de direitos. Se a escola é para todos, no AEE os alunos com NEEs podem interagir de forma diferenciada com conteúdos escolares, nesse sentido que o uso do jornal como fonte referencial e a produção de uma proposta de jornal escolar vem a corroborar com princípios de uma educação de qualidade para todos.

A utilização do jornal como um recurso pedagógico (AIDAR, 1995) e de acessibilidade, seja enquanto material impresso ou como possibilitando a construção do jornal escolar no AEE vem a corroborar com a proposta de aprimoramento do ensino com uso de diferentes tecnologias e recursos midiáticos. Sobretudo por possibilitar a mediação desses aspectos através de diferentes meios tecnológicos que torna facilitadores no processo de aprendizagem de alunos com necessidades educacionais específicas.

Nesse sentido, usar o jornal como um aliado no processo de aprendizagem contribui para que os alunos possam utilizar um recurso que lhes é cotidiano, que faz parte de seu dia-a-dia e problematizá-lo, ainda mais quando utilizado como ferramenta à aprendizagem de pessoas com necessidades educacionais especiais. Isso nos pressupõe construir em conjunto como determinadas verdades foram sendo edificadas em nossa sociedade e passaram a construir o campo das disciplinas, esmiuçar conceitos e trabalhá-los de forma diferenciada, ou seja, de forma dialogada. Portanto, estruturar

alternativas para que os alunos possam ter acesso ao conhecimento por meio das tecnologias vem a ser uma das funções do trabalho pedagógico quando articula o jornal como fonte referencial e enquanto proposta que visa construir, enfim tem foco no processo de produção escrita.

Nesse prisma, foi através dos referenciais utilizados, Rauén (2003), Peters e Fruet (2011), Silva e Kraus (2012), Zanchin et al (2011), Barros (2000), que foi possível observar a importância de repensarmos as estratégias educacionais a serem utilizadas e introduzir uso de diferentes recursos tecnológicos e midiático de modo a possibilitar novas formas de relação com os conteúdos escolares. Portanto, através da pesquisa bibliográfica realizada pode-se destacar que o jornal pode funcionar como fonte de pesquisa e construção. Conclui-se que por esse aspecto vem a ser uma das possibilidades de adaptação curricular e exploração de conteúdos a serem facilitados no atendimento educacional especializado.

Além disso, produzir verdades e destacar a autoria pode vir a possibilitar aos alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação a acessibilidade a um currículo que articula um campo de forças, que culturalmente elegeu práticas de segregação das diferenças e na contemporaneidade passa a agregá-las.

Destaca-se também a importância de serem consideradas as produções de nossos alunos e oferecer-lhes recursos diferenciados para que possam explorar novos saberes e observar os discursos que são acolhidos por determinados regimes de verdades. Além do mais respeitar as produções dos alunos com NEEs sem classificá-las como insuficientes como culturalmente foi operacionalizado em nossa sociedade vem a ser um dos primeiros passos para pensar no ensino para todos não só como prioridade, mas sim como direito à diferença. Se um sistema de ensino pode ser uma ritualização da palavra (FOUCAULT, 1970) porque não possibilitar e considerar diferentes formas de produção sem padronizá-las como certas, erradas? Esse passa a ser um dos desafios do profissional do AEE, também ao utilizar a construção do jornal e difundi-lo no contexto escolar para que possa ser apreciado pelos alunos sem ser alvo de críticas. O que o aluno produz deve ser exposto, fruto de um processo de mediação que respeita a sua singularidade e aposta em sua aprendizagem.

Por conseguinte, o jornal como um recurso de acessibilidade curricular no atendimento educacional especializado passará então a questionar verdades, produzir sentidos além de romper com paradigmas tão arraigados em nossa cultura. E finalmente

promover encontros com recursos midiáticos e tecnológicos, enfim produzir efeitos no processo de aprendizagem de nossos alunos. Portanto a presente pesquisa bibliográfica apresentou subsídios para se repensar as práticas além do AEE, sobretudo trabalho colaborativo em classe regular pois o jornal enquanto pesquisa e instrumento de produção vem a corroborar enquanto proposta pedagógica que articula diferente saberes e possibilita novos encontros, construções de desconstruções com conhecimento culturalmente construído.

REFERÊNCIAS

AIDAR, FLÁVIA. O jornal como instrumento pedagógico Programa Folha Educação: uma proposta de leitura de jornal em sala de aula. **Comunicação e Educação**, São Paulo, (2): 123 a 126, jan./abr. 1995. Disponível em: <http://200.144.189.42/ojs/index.php/comeduc/article/view/4248/3979>. Acesso em 20 de dezembro de 2013.

ANHUSSI, Elaine Cristina. **O uso do jornal em sala de aula: sua importância e concepções de professores**. Presidente Prudente: [s.e], 2009.

DE ASSIZ, Talita Kelly Luz Rocha. **A imprensa e a alfabetização na escola – a perspectiva de Frenet**. Disponível em: <http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos_2012/TALITA_KLRASSIZ.PDF> Acesso em out. 2013.

BARROS, Miriam da Rocha. Jornal como proposta de educação para a cidadania. **Comunicação & Educação**, Brasil, n. 19, p. 100-102, dez. 2000. ISSN 2316-9125. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36943>>. Acesso em: 06 Jan. 2014. doi:10.11606/issn.2316-9125.v0i19p100-102.

BAUMAN, Z. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRUNNER, J. J. Educação no encontro com as novas tecnologias. In: TEDESCO, J.C. (org.) **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Cortez, 2004. (p-17-75).

CITELLI, Adilson Odair. Meios de comunicação e práticas escolares. **Comunicação & Educação**. São Paulo, [17]: 30 a 36, jan./abr. 2000. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4100/3852>. Acesso em 02 de janeiro de 2014.

CORAZZA, M.V. Labirintos da Pesquisa, diante dos ferrolhos. In: **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola. 20ª edição, 2010a.

_____. **Microfísica do Poder**. Org. trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979. 28ª reimpressão, 2010b.

LDB 9334/96. Disponível em: <http://ftp.fn.de.gov.br/web/siope_web/lei_n9394_20121996.pdf> Acesso em 10 de outubro de 2013.

LUSTOSA, Elem; MACIEL, Margareth de Fátima. História da Mídia Impressa na Educação. In: **1º Encontro PR/SC de História da Mídia**, UNICENTRO, Guarapuava/PR – 17 e 18 de junho de 2010. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/historiadamidia/anais/Midia%20Impressa/Margareth%20F%20C%20A%20Maciel.pdf>> Acesso em 15 de novembro de 2013.

MÁXIMO, Maria Elisa. **Novos caminhos de socialização na Internet: um estudo das listas eletrônicas de discussão**. 22ª Reunião Brasileira de Antropologia – RBA. Brasília, DF, julho, 2000.

PETERS, Rochele Schneider; FRUET, Fabiane Sarmiento Oliveira. Produção colaborativa de um jornal On-line na escola. **CINTED-UFRGS Novas Tecnologias na Educação**, V. 9 Nº 2, dezembro, 2011.

RAUEN, Rosângela Janea. O jornal escolar como estratégia à produção de textos na escola e não para ela: uma prática possível. **Anais do 5º Encontro do Celsul**, Curitiba-PR, 2003 (1268-1276). Disponível em: <http://celsul.org.br/Encontros/05/pdf/176.pdf>. Acesso em 02 de janeiro de 2014.

SILVA, Anderson Lopes da KRAUSS, Regina. O Jornal Escolar como Campo de Estudo da Educomunicação. Biblioteca On line de Ciência da Comunicação, 2012. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-krauss-o-jornal-escolar-como-campo-de-estudo-da-educocomunicacao.pdf>>. Acesso em 28 de dezembro de 2013.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 19/10/2012.

ZANCHIM Wilians; ALVES, Cristiane Brito Santana; DELIBERADOR, Luzia Yamashita. Jornal Escolar e a Formação Cidadã – Uma Experiência no Colégio Estadual Olavo Bilac da Cidade de Sarandi- PR1. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul** – Londrina – PR - 26 a 28 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/expocom/EX25-0295-1.pdf>